Um outro olhar sobre Ponta Grossa dos Fidalgos: usos da fotografia na pesquisa antropológica[*]

José Colaço Dias Neto

A fotografia opera para realizar imagens, o antropólogo para melhor pensar o que vê.
Sylvian Maresca

Introdução

Certamente a fotografia moderna se notabilizou não apenas pela sofisticação técnica e qualidade estética experimentadas pelos profissionais da imagem. Ela, mais do que isto, engendrou um debate que, gradativamente, vem sendo apropriado pelas ciências sociais: a discussão acerca das formas de representação da *realidade* em um contexto de pesquisa.[1] O quê ver; como registrar; de que modo observar; quais são as estratégias do olhar que constróem a representação sobre um objeto? E sobre que objeto nós estamos falando? Um país, uma cidade; uma região; um povo; uma cultura?

Pretendo, nas próximas páginas, convidar o leitor para uma incursão em parte do material fotográfico produzido pelo emérito antropólogo Luiz de Castro Faria no período de 1939-1941, sobre um assentamento pesqueiro localizado na região Norte-Fluminense. É bem verdade que uma reflexão mais detida sobre este acervo já se configuraria em um laborioso estudo. No entanto, meu objetivo neste ensaio é estabelecer uma breve comparação entre as imagens produzidas por Castro Faria e o material fotográfico produzido por mim, em virtude do trabalho de campo realizado durante os anos de 2002-2005 no mesmo assentamento.

Meu objetivo é pensar na construção do *olhar* sobre um mesmo povoado, feito em dois momentos (ou dois "tempos") diferentes: com uma substancial lacuna de mais de 50 anos entre os dois trabalhos. Tentarei argumentar que as estratégias de representação estão estritamente relacionadas com os períodos em que foram produzidas, ao mesmo tempo em que se confundem com o próprio desenvolvimento da ciência social no Brasil.[2] Não vou me deter às especificidades técnicas da fotografia. Minha intenção aqui, é mostrar o que parecia ser de interesse etnográfico para um trabalhador de campo *(fieldworker)* dos anos 40 do século passado, e de um novato estudante de ciências sociais que começava, ainda no terceiro período de graduação, a se familiarizar com a antropologia.

Lagoa Feia e Ponta Grossa dos Fidalgos: a imagem no presente etnográfico

Imagine-se o leitor em uma canoa de madeira, acompanhado de dois pescadores a navegar por uma lagoa onde, mesmo sob um límpido céu de verão, dificilmente se enxerga as margens devido à grandeza de seu tamanho. Assim é a Lagoa Feia. Situada a 35 km da sede do Município de Campos dos Goytacazes, RJ, à margem direita do Rio Paraíba do Sul, com o qual mantém uma ligação subterrânea, a Lagoa – considerada a maior lagoa de água doce do país – constitui uma riquíssima fonte de recursos naturais.

Do mesmo ecossistema faz parte ainda a Lagoa do Jacaré, cercada por brejos periféricos, dentre os quais as lagoas do Luciano e da Ribeira. Até 1966, a Lagoa do Jacaré era, na verdade, uma enseada da Lagoa Feia, da qual se encontra atualmente isolada por diques e aterros, mantendo-se apenas um canal de ligação. A variedade de plantas flutuantes, mangues e brejos, na sua orla, cria condições particularmente propícias à subsistência de uma fauna igualmente diversificada. Um total de 69 espécies de peixes foram registradas na bacia, sendo que 56 habitam a Lagoa em regime periódico ou integral. Há também uma grande quantidade de espécies marinhas que chegam até à Lagoa através do Canal das Flechas, algumas delas de médio porte, como, por exemplo, o robalo e a tainha, que percorrem toda a extensão lacustre ainda alcançando a Lagoa de Cima.[3] Sua orla é composta por terrenos de planície aluvial e de restinga. Circundada por pastagens, com raras árvores nativas isoladas, se destacam aí

os aglomerados de "gaiolinha" – planta africana designada em parte do nordeste brasileiro como *avelós*. Sua porção meridional margeia o município de Quissamã.

Na margem setentrional da Lagoa Feia está localizado o assentamento pesqueiro de Ponta Grossa dos Fidalgos, distrito de Campos dos Goytacazes. De acordo com o último senso do IBGE, vivem aí, atualmente, aproximadamente 1.150 habitantes. A pesca artesanal lacustre é a principal atividade econômica de Ponta Grossa dos Fidalgos, embora seja possível, atualmente, encontrar também outros tipos de ocupação. Há moradores – principalmente das gerações mais novas – que trabalham em Campos dos Goytacazes. Estes tiveram pouco ou nenhum contato direto com a pesca. Além disso, como o assentamento está localizado ao norte da Baixada Campista, parte de seus habitantes trabalha no setor rural, prestando serviços nas fazendas de gado e usinas de açúcar da região. No período de proibição da atividade de captura, alguns pescadores também optam por este tipo de ocupação, na tentativa de elevar um pouco mais o orçamento familiar.

Ponta Grossa se estende ao longo da margem da Lagoa e sua área residencial compreende uma faixa de aproximadamente 2,5 km. Uma rua principal – João Cabral Melo – atravessa o povoado de uma ponta a outra. O lugar recebeu energia elétrica na década de 1960. De leste a oeste, temos a seguinte divisão espacial: Ponta, Beirada e Ingá. Os moradores mais antigos afirmam que o assentamento teve sua origem na Beirada e no Ingá, estendendo-se, posteriormente, até a Ponta. Esta representação informal estabelece uma espécie de divisão em pequenos "bairros"[4]. No Ingá e na Beirada há dois largos, que são chamados de "praças" pelos moradores. Tomando como referência a Praça da Beirada e seguindo rumo ao norte chega-se à Igreja Nossa Senhora da Conceição; rumo ao sul chega-se à Lagoa; para o leste fica a Ponta; e, na direção oeste situa-se o Ingá. No povoado atual, entre a Beirada e o Ingá, encontra-se, a região do Macaco; e, para além da Ponta, a região do Trator. Da Praça do Ingá sai estrada de asfalto que, rumando para o norte, liga a comunidade ao vizinho distrito de Tócos.

Castro Faria e o olhar sobre Ponta Grossa dos Fidalgos

"Eu ia lá também para caçar marrecas". Assim respondeu o Professor Castro Faria quando perguntado sobre sua relação com o povoado de Ponta Grossa dos Fidalgos. Durante os anos de 1939-1941, o pesquisador empreendeu um amplo registro da morfologia social e da atividade pesqueira desenvolvida historicamente na localidade. Seu trabalho, incompleto e ainda inédito, fazia parte dos primeiros esforços sistemáticos do ambicioso programa de *Estudos de comunidade*, e do qual resultaria, nos anos 1940 e 50, uma série de publicações relevantes para a geografia humana e para as ciências sociais no Brasil, tanto do ponto de vista conceitual, quanto metodológico.

A pesquisa sobre Ponta Grossa dos Fidalgos foi precedida por um outro importante trabalho que, somente muitos anos depois, ganharia o merecido reconhecimento acadêmico. Refiro-me à expedição à Serra do Norte em 1938.[5] Na ocasião, Castro Faria fora designado pela Prof.ª Heloísa Alberto Torres – então diretora do Museu Nacional – como fiscal da viagem científica dirigida por Claude Lévi-Strauss, que tinha por objetivo conhecer as populações indígenas que ainda habitavam o interior do Brasil. Em uma conferência, Castro Faria não perdeu a oportunidade de ironizar ao dizer que, "naquela época, nem Castro Faria era o Castro Faria e nem Lévi-Strauss era o Lévi-Strauss", referindo-se ao fato de que ambos estavam em início de carreira como etnólogos.[6]

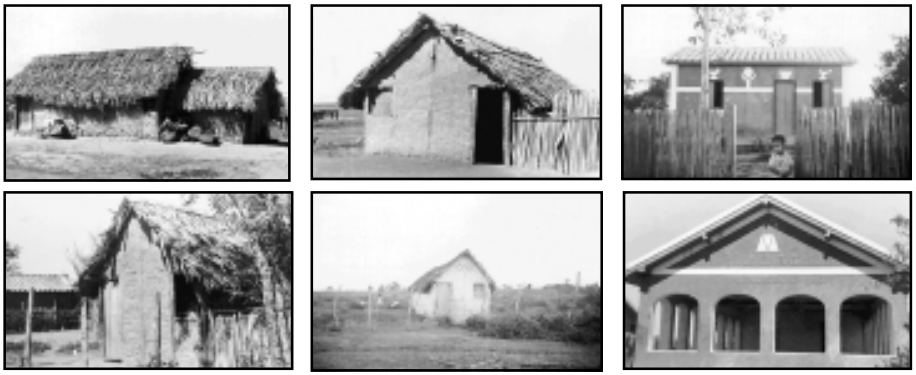
Estive no apartamento de Castro Faria por duas vezes, acompanhado dos professores Arno Vogel e Marco Antônio da Silva Mello. As conversas giravam em torno de vários temas, entre eles, a pesquisa de Ponta Grossa. Castro nos disse que o material serviria para um projeto pensado por Darcy Ribeiro, que consistia em um inventário daquilo que ainda havia restado das, assim denominadas, "comunidades tradicionais". Para tal feito, deveriam ser apresentados os resultados de pesquisa referentes aos grupamentos humanos isolados geograficamente dos grandes centros urbanos do país. O dado curioso é que o próprio Castro Faria demonstrava uma espécie de ceticismo com o empreendimento. Ele argumentava que era praticamente impossível realizar um inventário tal como o proposto por Darcy Ribeiro porque "o Brasil é muito grande e não existem meios para registrar ao mesmo tempo todas as comunidades em seu processo de mudança social".

A parte inédita deste material atualmente se encontra no Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, aos cuidados da prof.ª Heloísa Bertol Domingues. Consiste, portanto, em notas de campo; rascunhos de texto; desenhos; mapas; notas bibliográficas; e diagramas diversos, entre os quais o calendário ecológico da Lagoa Feia, reunindo relevantes informações sobre os períodos de pesca, os tipos de peixes e as condições climáticas, tais como, disposição dos ventos e temperatura da água; e, finalmente, um acervo fotográfico.

Passemos agora para uma análise de algumas imagens feitas pelo antropólogo sobre Ponta Grossa dos Fidalgos. Suas séries fotográficas registram temáticas comuns à tradição dos estudos de comunidade em voga na primeira metade do século XX. Ainda circunscritas em um universo notadamente marcado pela geografia humana, estas pesquisas enfocavam, de um modo geral, a economia; a estrutura demográfica, a estratificação social; a família e o parentesco; o ciclo de vida e a socialização; organização social; tópicos em tradição e inovação (arte, linguagem, tecnologia e folclore); e, educação, de certos aglomerados humanos espalhados pelo país.[7] Destaco neste ensaio, portanto, duas séries: a primeira dedicada a, assim denominada, *habitação popular*, compreendendo um registro das casas e construções do povoado; e a segunda, relativa à sua *vida econômica*, caracterizada pela pesca artesanal lacustre.

Em suas notas sobre a morfologia social de Ponta Grossa, Castro Faria faz constantemente referência às fotografias das casas.[8] A imagem aqui, não é uma mera tentativa de figurar a realidade. Ela é um registro que auxilia a da descrição do etnógrafo:

A habitação do pescador de Ponta Grossa dos Fidalgos é do tipo comum a quase todos os fluminenses de zona rural e de baixo nível econômico. (...) Na construção das casas de Ponta Grossa são utilizados quase exclusivamente os recursos que a natureza circundante proporciona e na maior parte sem nenhum aparelho especial.[9]



Para dar uma idéia ao leitor de como o material fotográfico foi utilizado por Castro em sua etnografia, transcrevo abaixo alguns trechos de seus escritos. Antes devo ressaltar que por tratar-se de um trabalho inacabado, algumas notas aparecem incompletas:

> As paredes das casas apresentam uma superfície irregular, resultante do simples alisamento, feito com a palma da mão, do próprio barro usado como enchimento da trama. Neste caso fica geralmente exposta a armação de varas (fig.). Em outras mais cuidadas fazem o verdadeiro embôço (fig.).
> A cumeeira é revestida de uma grande camada superior de palha, presa externamente por duas ripas, uma de cada lado. Nas casas mais expostas aos ventos fortes dos quadrantes de norte e sul, empregam mais de duas dessas ripas exteriores, para melhor segurança (cf. figuras).
> Essas cercas indicam que os moradores, além da pesca, praticam a pequena agricultura, seja de bananas (fig.).[10]

Conforme mencionei anteriormente, não foi apenas da arquitetura popular que se ocupou Castro Faria. As pescarias desenvolvidas na Lagoa Feia também foram registradas pelas lentes do antropólogo. Cabe assinalar que, na década de 1970, Castro Faria inauguraria, no Museu Nacional-RJ, uma linhagem de pesquisas sobre a pesca artesanal tal como esta se configurava no litoral fluminense.[11]

Em grande parte do material Castro Faria dedica sua atenção aos equipamentos; à organização da produção pesqueira; aos conhecimentos naturalísticos dos pescadores locais; e enfim, completa sua etnografia apresentando as técnicas de pesca. Novamente a fotografia aparece para dar suporte à descrição:









Transcrevo, uma vez mais, alguns fragmentos de sua etnografia:

Os pescadores de Ponta Grossa possuem conhecimentos objetivos sobre a biologia dos peixes de interesse econômico e na base desses conhecimentos, que são transmitidos de maneira informal de geração a geração, exercitam sua atividade cotidiana. O conhecimento da biologia das espécies é completado pelo das características naturais, no mais amplo sentido, da lagoa onde pescam.

As redes são feitas com fio comercial de espessura variável, que o pescador escolhe de acordo com o conhecimento que possui do porte e da força dos peixes que irá pescar. Um desejo de que a rede tenha maior duração possível interfere igualmente não só na espessura do fio, como da sua natureza e até da marca comercial.

O processo de trolha só pode ser praticado nos lugares pouco fundos, onde dá pé, pois a ação de trolhar desenvolve-se dentro dágua. Consiste em caminhar com uma das extremidades da rede, formando com ela um espiral. Cada ponta da rede é previamente cosida por meio de uma tralha que passa de malha em malha, numa vara forte, cujo comprimento é regulado pela estatura do pescador. Esta vara recebe o nome de calão.[12]

Até onde pesquisei o material de Castro Faria, não tive conhecimento de notas ou qualquer tipo de menção feita especificamente aos registros fotográficos. O que me chamou a atenção, além, é claro, da qualidade técnica das fotos, foi seu minucioso trabalho de catalogação. É possível encontrar no verso de cada fotografia informações cuidadosas sobre datas e locais onde foram feitas. Parece-me mais uma evidência de que a fotografia ocupa um lugar definido na obra de Castro Faria: ela deveria estar a serviço da pesquisa, e não o contrário, conforme podemos verificar nas coleções de outros viajantes do século XX.

Um outro olhar sobre Ponta Grossa dos Fidalgos

No início do ano de 2002, aluno do 2º período do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), ingressei no Projeto "Estruturas tradicionais e expansão metropolitana na baixada litorânea do Estado do Rio de Janeiro II"[13], na ocasião, sob a orientação do prof. Arno Vogel, iniciando assim, a minha aproximação ao tema da Antropologia da Pesca. Tal pesquisa deriva de forma mais imediata da longa e exaustiva etnografia realizada pelo prof. Marco Antônio da Silva Mello sobre a pesca artesanal no sistema lacustre de Maricá, RJ, entre 1978 e 1987, exposto, pela primeira vez, sob o título de *Praia de Zacarias: contribuição à etnografia e história ambiental do litoral fluminense – Maricá/RJ (1995)*[14], de que, por sua vez, resultaria o livro *Gente das areias – História, meio ambiente e sociedade no litoral brasileiro.*[15]

A leitura deste livro (naquele período feita ainda antes de sua publicação) me proporcionou o primeiro contato com a problemática das relações entre os ecossistemas lacustres e a pesca artesanal, tal como esta vem sendo realizada historicamente nesse tipo de meio ambiente. O acesso a um instrumental teórico paradigmático, me ajudou a construir um elenco de questões a serem abordadas no trabalho de campo em

Ponta Grossa dos Fidalgos, inclusive aquelas nas quais terminei por me concentrar e que originaram a minha monografia de conclusão de curso.

Meu objetivo, portanto, era realizar uma etnografia da pesca artesanal lacustre em Ponta Grossa, com uma especial atenção para o sistema de classificação nativo, e como este possuía implicações diretas na apropriação de certos pontos de pesca na Lagoa Feia.

As fotos que apresentarei em seguida fazem parte do acervo de minha pesquisa e foram feitas entre os anos de 2002 e 2005. O trabalho de campo era empreendido segundo as recomendações de Marcel Griaule, ou seja, estive constantemente em grupo nas incursões à Ponta Grossa dos Fidalgos. Parte das imagens foi feita por Carlos Abraão Moura Valpassos.[16]

A primeira etapa da pesquisa consistiu em uma fase exploratória[17], durante a qual tive que "descobrir" o campo – estabelecendo os contatos iniciais com os pescadores e levantando questões relevantes para a etnografia. Este período foi bastante delicado, pois serviu, entre outras coisas, para consolidar o relacionamento com os moradores de Ponta Grossa dos Fidalgos. Com raras exceções, estes se mostraram sempre muito amigáveis e dispostos a auxiliar-me no que precisava. A maior dentre as dificuldades iniciais foi levar os pescadores a entenderem os reais objetivos de minha presença e de meu companheiro de pesquisa. Embora Ponta Grossa não figure como pólo turístico, a maioria deles já estava acostumada com a presença de "estranhos", entre eles, pessoas em busca dos atrativos naturais da região; figuras ligadas a políticos locais (quando não os próprios); freqüentadores oriundos das regiões vizinhas e até mesmo pesquisadores[18]. Estes e alguns outros *papéis sociais,* já estavam praticamente definidos. Foi, no entanto, uma novidade, para eles, encontrar, de forma recorrente, uma dupla de pesquisadores interessados em estudar suas técnicas pesqueiras; seus conhecimentos sobre a Lagoa; e, de uma maneira geral, o seu modo de vida.

Nenhum de meus interlocutores se fez lembrar da presença de um pesquisador em Ponta Grossa nos anos 1930 ou 40. Moradores de gerações mais velhas, quando perguntados, às vezes falam sobre o assunto, mas até agora, nenhuma informação pareceu muito concreta. Foi somente na metade do primeiro ano de pesquisa que tive acesso ao arquivo particular de Castro Faria que continha, entre outras coisas, seu acervo fotográfico.

Acredito que o equipamento de trabalho de um aspirante a etnógrafo não deve se diferenciar muito daqueles usados por pesquisadores já consagrados no campo acadêmico. Carregava comigo uma caderneta para as anotações das conversas e de algumas observações particulares, lápis e, uma câmera fotográfica. Descobri cedo que os pescadores gostavam de se verem fotografados, bem como apreciar as imagens de Ponta Grossa e da Lagoa Feia. Isso, por sua vez, se configurou como uma estratégia de pesquisa: ouvir o que os pescadores tinham a falar sobre as fotos que tirava durante minhas observações. Grande parte deles se sentia motivada a contar histórias, casos e experiências que na maioria das vezes transbordavam o conteúdo das fotografias.



J. Colaço



C. Valpassos



J. Colaço



J. Colaço



J. Colaço



C. Valpassos

As continuidades e descontinuidades não residem somente na lacuna entre o meu trabalho e a etongrafia inacabada de Castro Faria. Elas existem na própria faina da pesca artesanal, no ecossistema da Lagoa Feia e, é claro, na história social dos moradores de Ponta Grossa. Está intrínseca à dinâmica dos processos sociais.

Intervenções antrópicas e problemas no manejo do ecossistema fizeram o espelho d'água da Lagoa reduzir à metade em relação ao que era no princípio do século XX. A captura de algumas éspecies consideradas

de alto valor econômico e simbólico – como o robalo, por exemplo – diminuiu muito. Algumas técnicas de pesca caíram em desuso e outras começaram a ser mais utilizadas. O número de habitantes no povoado permanece praticamente o mesmo, se comparado ao registrado por Castro Faria em 1940. O que impressiona, entretanto, é que o número de pescadores artesanais aumentou. A centralidade do ofício e a identidade que ele é capaz de gerar em seus praticantes sofreu transformações, mas acredito que esteja longe de se extinguir. Comparando *tempos* e *olhares* diferentes, parece mesmo que a cultura é um campo de tensões, que se (re)significa e se atualiza constantemente. Parafreseio aqui Marshall Sahlins que certa vez escreveu: "ela [a cultura] está longe de acabar...".[19]

Assim como para Castro Faria, a fotografia em minha pesquisa de campo é um instrumento de registro. E como todo registro, ela, de alguma maneira, materializa meu *olhar* sobre o ofício daqueles homens. É uma tentativa permanentemente injusta de "congelar" algo que não pode ser congelado. De estancar aquilo que é dinâmico. Neste sentido, a foto é um dispositivo tão limitado quanto o texto etnográfico. Quando captamos a imagem ou findamos uma reflexão escrita, estamos, de forma voluntária ou não, estruturando nossa *representação* e construindo um discurso.

Olhares, tempos e pescadores

Ora, quem são estes pescadores? Que tipo de imagem é construída sobre seu ofício ou sobre suas vidas? Quais são as estratégias do *olhar* sobre Ponta Grossa dos Fidalgos? Que características distinguem as duas pesquisas acerca de um mesmo lugar em períodos tão diferentes?

Talvez, uma resposta para estas questões possa ser indicada pelo próprio Castro Faria em seu texto "Pescadores e Pescarias", publicado como prefácio do livro *Pescadores de Itaipú: meio ambiente conflito e ritual no litoral do Estado do Rio de Janeiro,* do prof. Roberto Kant de Lima.[20]

Castro Faria distingue três fases no que diz respeito à produção de pesquisas antropológicas sobre a pesca artesanal no Brasil, que não são estritamente cronológicas, mas capazes de marcar a relevância de determinadas temáticas e métodos. Destaco aqui, primeiramente, a Fase I, assim classificada pelo antropólogo. "A Fase I tem um caráter inconfundível – a presença do Estado, que assume gradativamente e por meio

de várias iniciativas o ordenamento oficial das atividades de pesca."[21] Configurada pela interveção do Estado no sentido de nacionalizar, disciplinar e gerir a produção pesqueira. Principiando-se por volta de 1912, os limites deste perído não podem ser dados pela cronologia, mas sim, através de sua recorrência.

Na fase seguinte, consolidada mais ou menos a partir dos anos 1930, Castro Faria argumenta que surgem os primeiros "trabalhos de cunho científico, naturalístico ou etnográfico, de cunho técnico, de apoio, sustentação e promoção dos programas estatais de racionalização e incremento da produção pesqueira."[22] Acredito, inclusive, que sua etnografia se encaixe neste período.

Por último, a terceira fase, circunscrita após os anos 1960, é marcada por trabalhos que em sua maioria são produzidos na academia e para a academia. "Os cursos de pós-graduação em Antropologia proporcionam condições para o trabalho de campo, e as comunidades de pescadores por alguma razão tornam-se as preferidas na escolha de locais de pesquisa".[23]

Além desta distinção, um outro fator pode ajudar a compreender o que era relevante para Castro Faria captar em suas fotografias e em seu trabalho como um todo. Estes primeiros estudos realizados no Brasil tinham por objetivo a investigação de grupos populacionais relativamente isolados dos grandes centros urbanos, mas, ainda assim, integrados às complexas estruturas nacionais. Inovaram, portanto, ao trazer para a analise sociológica, a observação direta da vida dos indivíduos permitindo, entre outras coisas, um exame mais adequado de dados sincrônicos e diacrônicos dentro do mesmo espaço geográfico. Após a década de 1930, principalmente com a implantação do Estado Novo – no âmbito de seu projeto modernizador e desenvolvimentista –, acreditava-se que os estudos de comunidade seriam capazes de fornecer subsídios para um conhecimento mais aprofundado da realidade nacional permitindo maior eficiência no trabalho dos "agentes de mudança social e cultural: o agrônomo, o médico, especialmente o sanitarista, o educador e outros".[24] Tais pesquisas geralmente eram amplas e tentavam abranger todos os aspectos da vida social de uma pequena comunidade.

Não estou com isso afirmando que Castro Faria estivesse de acordo com todos os procedimentos e mesmo com certas intervenções que marcavam tais estudos. Entretanto, talvez isso explique o fato de Castro Faria não ter localizado seu *olhar* (e nem sua lente) em um único tema.

Sua etnografia sobre Ponta Grossa, ainda que inacabada, tem o nítido caráter de um inventário geral. Os textos e as fotos comprovam isso.

Atualmente, devido a uma série de exigências acadêmicas (e mesmo políticas), as monografias sobre determinados grupos sociais têm seu conteúdo voltado para temas particulares, como, por exemplo, no meu caso, a etnografia da pesca artesanal e o direito costumeiro. Não existe mais tempo hábil e mesmo interesse institucional para que um pesquisador realize uma grande monografia – aos moldes das publicações sobre as quais venho me referindo. Conforme assinalei anteriormente, faço parte de um grupo de pesquisa onde o trabalho de campo é realizado em conjunto e cada qual vem abordando temáticas específicas. Além da pesca artesanal, meus colegas estão discutindo Família e parentesco, Religião e ritual, Cultura política, Conflitos entre grupos de poder, Saberes naturalísticos entre outros assuntos relevantes para o debate antropológico. O estudo mais geral sobre Ponta Grossa dos Fidalgos acontece na medida em que os temas de nossas monografias se cruzam. Castro Faria mesmo parece sugerir essa mudança ao relacionar a criação dos programas de pós-graduação no Brasil com um redirecionamento nos trabalhos sobre pesca.

Concluindo, creio que talvez estejamos experimentando uma espécie de "Fase IV" relativa aos direcionamentos dos estudos sobre pesca artesanal e pescadores atualmente (se é que o leitor me permite a ousadia da proposta). As pesquisas acadêmicas que vêm sendo consolidadas mais recentemente têm investido seus esforços na tentativa de compreender como certos povoados pesqueiros lidaram com os processos de mudança social fomentados por políticas públicas estratégicas. Além disso, podemos falar sem receio de uma perspectiva comparativa que tem como base trabalhos de caráter etnográfico realizados em períodos passados e que vêm sendo retomados sistematicamente nos dias de hoje – eis aqui o exemplo de minha própria pesquisa.

Mudanças no modo de se fazer antropologia, marcam, sem dúvida, as mudanças do *olhar* na construção de representações – sejam elas de um povoado, de um país ou de uma sociedade inteira. Ponta Grossa dos Fidalgos nunca seria a mesma de 1940, entre outros motivos, porque até o próprio conceito de *comunidade,* vem sendo historicamente objeto de acordos e dissensos no debate sociológico.[25] As imagens daqueles pescadores – "os pescadores de Castro" – são marcadas pela demanda, pelas

expectativas, enfim, pela esfera (ou nesse caso, pela lente) da antropologia de sua época. As fotografias dos "meus pescadores" feitas mais de 50 anos depois reforçam essa máxima, porém, circunscrito em outros paradigmas – os contemporâneos.

Enfim, comparando estas séries, será então que temos imagens fortes o suficiente para testemunhar o desenvolvimento e a consolidação de um campo de pesquisa, ao mesmo tempo em que estas consagram temas e preocupações teóricas? Ou, serão elas simplesmente imagens; simplesmente pescadores; e, simplesmente *olhares...*

Notas

⋆ Trabalho apresentado no mini-simpósio *Experiência, memória e utopia: subjetividades e sociabilidades,* atividade referente ao III Simpósio *Nacional de História Cultural* realizado em Florianópolis de 18 a 22 de setembro de 2006.

1. Cf. Maresca, 1995.
2. Para uma discussão sobre a historicidade do *olhar* consultar Wright, 1992.
3. Cf. Bidegain e Soffiati, 2002.
4. Uso aqui a palavra "bairro", mas chamo a atenção do leitor para os problemas implicados em sua definição enquanto categoria sociológica.
5. Cf. Castro Faria, 2001. Neste livro encontram-se interessantes depoimentos sobre o cotidiano da expedição de 1938, além de uma bela apresentação do material fotográfico da mesma. A relevância dos dados etnográficos coletados nesta viagem pode ser atestada nas pesquisas desenvolvidas por Claude Lévi-Strauss durante toda sua carreira como etnólogo. Seus relatos da expedição foram publicados em *Tristes trópicos* (Lévi-Strauss, 1998).
6. Um fragmento da conferência pode ser encontrado no documentário *"Um quadriênio inesquecível e suas iluminuras"* de Arno Vogel, Ricardo Maciel e Felipe Berocan Veiga.
7. Guidi,1961, empreende um levantamento sistemático dos estudos de comunidades realizados no Brasil e publicados entre 1948 e 1960.
8. O interesse pela habitação popular pode ser atestado ao longo de sua carreira. O desenho e a fotografia figuraram entre os recursos mais utilizados por Castro na documentação das habitações encontradas em diferentes regiões do Brasil. Cf. Castro Faria, 2000: 337-395.
9. Castro Faria, s/d.
10. Castro Faria, s/d.
11. Cf. Castro Faria, 2000: 431 a 438.
12. Castro Faria, s/d.
13. Projeto financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na sua primeira versão como Projeto Integrado, sob a coordenação do Prof. Marco Antonio da Silva Mello, e posteriormente, esteve sob a coordenação do Prof. ArnoVogel.
14. Tese de Doutoramento em Antropologia, apresentada à Universidade de São Paulo (USP).
15. Mello e Vogel, 2004.
16. Antropólogo e professor da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). No período desta pesquisa Valpassos ainda era aluno do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense/UENF.

17. Janeiro de 2002 a novembro do mesmo ano.
18. Refiro-me aqui às pesquisas desenvolvidas por pesquisadores do Laboratório de Ciências Ambientais/LCA do Centro de Biociência e Biotecnologia/CBB da Universidade Estadual do Norte Fluminense/UENF sobre o ecossistema da Lagoa Feia.
19. Cf. Sahlins, 2000.
20. Cf. Kant de Lima e Pereira, 1997. O mesmo texto também seria publicado em uma coletânea poucos anos mais tarde. In: Castro Faria, 2000.
21. Castro Faria, 2000: 432.
22. Castro Faria, 2002: 435.
23. Idem, Ibidem.
24. Nogueira, 1955: 98.
25. Cf. Gusfield, 1975.

Referências bibliográficas

BIDEGAIN, Paulo e SOFFIATI, Aristides et all. *Lagoas do Norte Fluminense – Perfil Ambiental.* Rio de Janeiro: SEMADS, 2002.

CASTRO FARIA, Luiz de. Origens da habitação popular no Brasil. In:_____. *Antropologia-escritos exumados 2:* dimensões do conhecimento antropológico. Niterói: Eduff, 2000.

_____. *Os pescadores de Ponta Grossa dos Fidalgos: um estudo de morfologia social.* (Título Provisório) Inédito. Conforme originais incorporados ao acervo do Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/CNPq, no Observatório do Valongo, Rio de Janeiro, RJ, (s/d).

_____. Pescadores e pescarias. In:_____. *Antropologia-escritos exumados 2:* dimensões do conhecimento antropológico. Niterói: Eduff, 2000.

_____. *Um outro olhar:* diário de expedição à Serra do Norte. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2001.

GUIDI, Maria Laís Mousinho. Elementos de Análise dos "Estudos de Comunidades" Realizados no Brasil e Publicados de 1948 a 1960. In: *Educação e Ciências Sociais,* pp. 45-87.

GUSFIELD, Joseph R. *Community:* a critical response. New York: Harper & Row, 1975.

KANT DE LIMA, Roberto e PEREIRA, Luciana Freitas. *Os pescadores de Itaipu.* A produção de tainha e a produção ritual da identidade. Niterói: Eduff, 1997.

LÉVIS-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NOGUEIRA, Oracy. Os estudos de comunidades no Brasil. *Revista de Antropologia.* Rio de Janeiro. Vol. 3, nº. 2, dezembro de 1955, pp. 95-105.

MARESCA, Sylvian. Refletir as ciências sociais no espelho da fotografia.

In: ____. REIS, ALMEIDA, M.H. e FRY, P. (org.). *Pluralismo, espaço social e pesquisa.* São Paulo: HUCITEC/ANPOCS, 1995.
MELLO, Marco Antônio da Silva. *Praia de Zacarias:* contribuição à etnografia e história ambiental do litoral fluminense – *Maricá/RJ*. Tese de doutoramento em Antropologia apresentada à Universidade de São Paulo, 1995.
MELLO, Marco Antônio da Silva e VOGEL, Arno. *Gente das Areias:* sociedade, história e meio ambiente no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Eduff, 2004.
SAHLINS, Marshall. O *"pessimismo sentimental"* e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um "objeto" em via de extinção (Parte II). In: Revista Mana 3(2), 1997, pp. 103-150.
WRIGHT, Terence. Photography: Theories of Realism and Convention. In: ____. EDWARDS, E. (ed.). *Anthropology and Photography:* 1860-1920. New Haven and London: Yale University Press/The Royal Anthropological Institute, London, 1992.

Resumo

O interesse acadêmico pela tópica da pesca artesanal no litoral fluminense parece marcar seu início com os estudos do emérito antropólogo Luiz de Castro Faria. Entre os anos de 1939 e 1941, Castro Faria realizou um denso trabalho de campo no povoado de Ponta Grossa dos Fidalgos – localizado na região Norte-Fluminense – onde, entre outras atividades, empreendeu um registro fotográfico das técnicas de pesca e seus apetrechos, tal como esta vinha sendo historicamente praticada na Lagoa Feia. Sua etnografia, ainda inédita, encontra-se no acervo do Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast). Este trabalho apresenta parte do acervo de Castro Faria sobre Ponta Grossa dos Fidalgos e algumas fotografias produzidas por nosso grupo nos últimos três anos de pesquisa. O objetivo, portanto, é pensar através das imagens na construção do *olhar* sobre um mesmo povoado realizado em dois momentos (ou tempos) diferentes.

Palavras-chave

Fotografia; Etnografia; Pesca Artesanal.

Abstract

Another approach on Ponta Grossa dos Fidalgos: uses of photography in anthropological research

The academic lights on the theme of artesanal fishing on the sea shores of Rio de Janeiro-BR, had its beginnings with the works of the anthropologist Luiz de Castro Faria who between 1939-1941 produced a huge field work at the small village of Ponta Grossa dos Fidalgos – located in the northern area of the state – where among other activities he made a complete photographic file on the surroundings. His ethnographical papers, still to be printed, can be found in the Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast/RJ). The work presented now uses part of the Castro Faria photo collection on Ponta Grossa to which I added some photographs taken more recently by a group of young anthropologists who made the same systematic fieldwork in the last four years. Another aim of this work is, therefore, to project and construct an approach on this same village, taking into consideration that the research has been produced in two different time-space *momentum* of that environmental system.

Key-words

Photography; Ethnography; Artesanal Fishing.